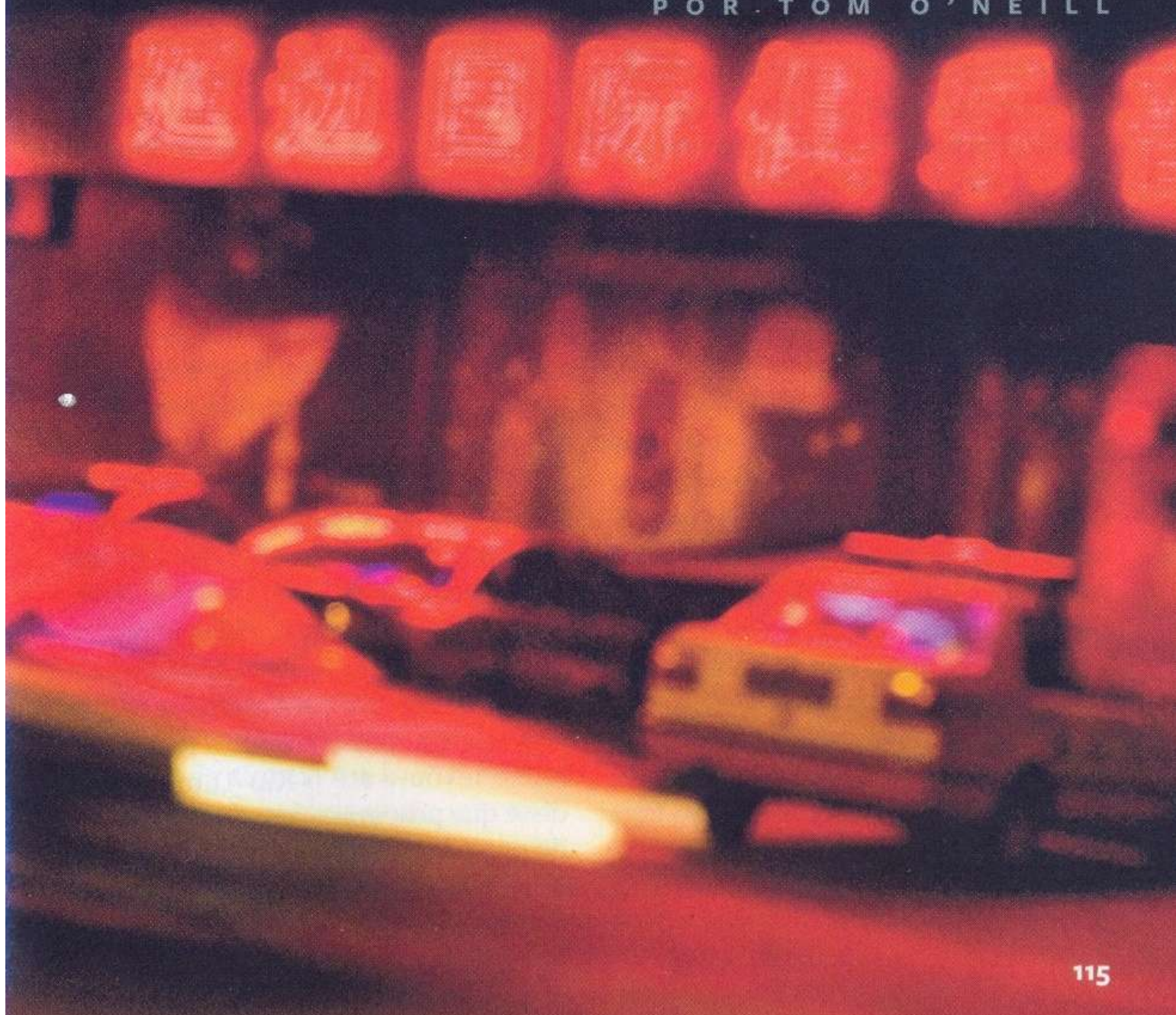
A night photograph showing a man's face peering through a dark, shadowed opening. The man has dark hair and is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a blurred city street at night, illuminated by various lights, including a prominent red neon sign that reads "LE BOU". The overall atmosphere is dark and mysterious.

**Um missionário de plantão,
pronto para ajudar desertores
norte-coreanos na cidade
chinesa de Yanji – um ponto
perigoso para aqueles em
travessia para o sul.**

FUGA DA COREIA DO NORTE. ELES FORAM ENGANADOS. AGORA TENTAM COMEÇAR UMA VIDA NOVA. LIVRES.

No terceiro andar de um decadente prédio de apartamentos em Yanji, na China, a uns 15 quilômetros da fronteira norte-coreana e a 1.100 quilômetros de Pequim, ouviram-se passos diante da porta. Com o som, duas moças correram para o quarto dos fundos. A seguir, veio uma batida. As moças, fugidas da Coreia do Norte, baixaram a cabeça, esperando o pior. Se a polícia chinesa as encontrasse, seriam deportadas para a Coreia do Norte e mandadas para um campo de prisioneiros.

P O R T O M O ' N E I L L



Seu ex-chefe, o dono sino-coreano de uma empresa de sexo pela Internet, também estava atrás delas. Vermelha e Branca (apelidos que lhes dei na minha agenda, para o caso de a polícia me parar) tinham passado o ano anterior presas num quarto, obrigadas a tirar as roupas diante da câmara para clientes *on-line* na Coreia do Sul. Na noite anterior, missionários cristãos tinham ajudado as duas a fugir e as haviam levado para esse esconderijo.

Um homem gritou: “Vocês estão aí? Abram!” A voz era de um dos seus salvadores. Branca correu e abriu a porta. Ali parado estava um homem magro, com uma panela elétrica e um saco de arroz. “Vocês devem estar com fome”, disse ele, que também levava-lhes um recado. “Preparem-se para partir logo. A mensagem acabou de chegar.”

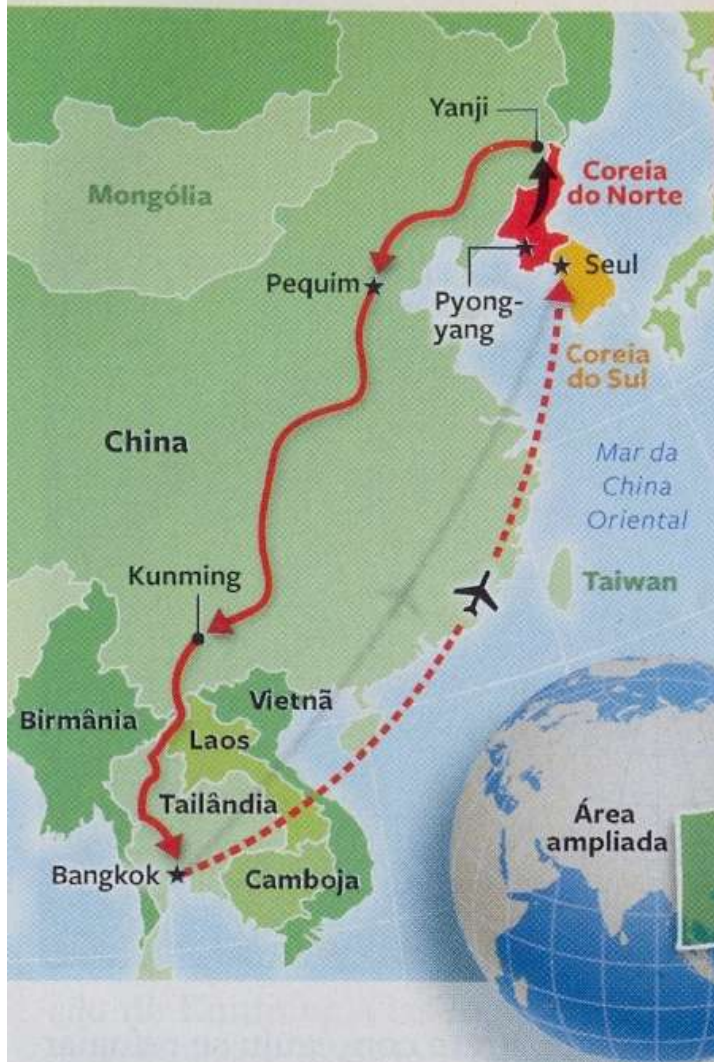
Há pelo menos 50 mil norte-coreanos escondidos na China. O êxodo começou em meados da década de 1990, quando a fome devastou a Coreia do Norte. Nas áreas mais atingidas, restou aos habitantes comer raízes, folhas e cascas de árvores. Mais de 2,5 milhões de pessoas morreriam. No princípio, os chineses ajudavam os que cruzavam a fronteira. Mas, depois de protestos do governo norte-coreano, a China endureceu sua política. A polícia passou a vasculhar regularmente bairros e aldeias atrás de norte-coreanos fugidos, que só tinham duas opções: continuar se escondendo ou usar a rota de fuga secreta pela Ásia, numa perigosa viagem a pé, em veículos e trens pela China e pelo Sudeste Asiático. Cerca

de 15 mil pessoas chegaram a salvo, em geral à Coreia do Sul. Lá, enfrentam o enorme desafio de recomeçar a vida.

Vermelha fugiu numa noite chuvosa de julho. Depois de pagar cerca de 15 dólares aos guardas para fazer de conta que não a viam, chegou ao Rio Tumen, que constitui um terço dos 1.500 quilômetros da fronteira da Coreia do Norte com a China. Então, cruzou o rio numa jangada de pneus amarrados. Apavorada, Vermelha, que na época tinha 15 anos, se pôs a caminhar e logo foi acolhida por uma mulher norte-coreana que fora vendida como noiva a um fazendeiro chinês. Nos três anos seguintes, Vermelha trabalhou na fazenda, como ajudante e lavando pratos. Finalmente, após roubar algum dinheiro e viajar até Yanji, acabou na empresa de sexo pela Internet, diante da câmara, ao lado de Branca.

Branca cruzara o rio numa noite de outubro. Antes, morava numa cidade industrial do norte, com a mãe doente e dois irmãos menores. Vivia com fome, incapaz de ganhar o suficiente trabalhando numa fábrica de *hashis*, os pauzinhos usados para comer, ou vendendo frutas na rua. Quando um homem a abordou e lhe ofereceu trabalho na China, no setor de computadores, Branca, então com 26 anos, ingenuamente aceitou, achando que ficaria no país tempo suficiente para comprar remédios para a mãe. O agente norte-coreano levou-a até o Rio Tumen e lhe disse que procurasse um carro à espera do outro lado. Depois da travessia, tremendo de frio, ela viu um carro e pulou dentro. Fora enganada. Branca passa-

A “rota secreta” pela Ásia: uma perigosa viagem a pé, com veículos e trens até a liberdade.



ria o ano seguinte trancada no quarto, vendendo sexo.

De sua sala em Seul, na Coreia do Sul, o pastor Chun Ki-won já mandou muitas vezes a mensagem para os desertores partirem na rota secreta. Fundador da Missão Durihana (Dois se Tornam Um), ele organizou a fuga de centenas de norte-coreanos retidos na China, dando-lhes refúgio na Coreia do Sul, nos Estados Unidos e em outros países. Pertence a um grupo de ativistas, trabalhadores humanitários e colegas missionários que fazem funcionar a rota secreta de fuga da Ásia. Alguns têm esperanças de precipitar o colapso da Coreia do Norte; outros querem converter os norte-coreanos ao cristianismo. O que une quase todos é a vontade de ajudar pessoas em situação difícil. “O sofrimento delas na

Coreia do Norte e na China é indescritível”, diz Chun. “Não podia deixar de ajudá-las.”

A vocação de Chun surgiu aos 40 anos, quando o ex-gerente de hotel surpreendeu amigos e parentes ao entrar para o seminário. Seu ativismo começou em 1995, ocasião em que, como missionário na região de Yanji, encontrou os primeiros norte-coreanos escondidos. “Eram pessoas que tinham perdido todos os direitos”, conta. Chun organizou a fuga de mais de 700 norte-coreanos, com apenas uns poucos fracassos. “O governo norte-coreano quer me ver morto”, afirma.

O pastor Chun está acostumado ao perigo. Em 2002, a polícia chinesa prendeu-o perto da fronteira mongol, na rota de fuga que criara. Os nove norte-coreanos que guiava foram enviados de volta à Coreia do Norte e nunca mais se ouviu falar deles. O pastor passou oito meses numa prisão chinesa e depois foi mandado para a Coreia do Sul e proibido de retornar à China.

Vermelha e Branca chamaram a atenção de Chun quando um cliente on-line de Branca, apaixonado, descobriu que ela era norte-coreana e trabalhava contra a vontade. Então explicou-lhe como entrar em contato com a Durihana pela Internet. Os e-mails secretos de Branca pedindo ajuda fizeram Chun ativar sua



Este desertor norte-coreano despistou um policial durante as 40 horas de viagem de trem de Pequim até Kunming ao fingir que dormia ou que estava bêbado.

rede na China para começar a ação de resgate. Temendo que o enraivecido chefe de Vermelha e Branca logo as recapturasse, colocou-as no alto da lista para a rota secreta de fuga.

A alguns quilômetros dali, noutro esconderijo, um norte-coreano que chamarei de Preto rezava para que sua vez chegasse logo. Dois anos antes, Preto fugira com a namorada, atravessando o Tumen congelado. Ele se formara na universidade, coisa rara entre os desertores. Como guarda de segurança em Pyongyang, capital norte-coreana, ficara desiludido com a corrupção que, segundo ele, impregnava o “paraíso dos trabalhadores”. Como Branca, Preto foi enganado e vendido a um bandido sino-coreano para levar drogas e dinheiro de um lado para outro do Rio Tumen. A época mais difícil foi depois da venda da namorada a um velho viciado. Fi-

nalmente, Preto conseguiu se refugiar numa igreja, recebeu aulas sobre a Bíblia e se converteu. “O meu sonho”, revela, “é frequentar um seminário e depois voltar à minha aldeia natal para pregar o evangelho.”

O momento chegou. O pastor Chun recebeu o sinal verde dos agentes para que a fuga começasse – uma viagem de trem de 3.200 quilômetros, de Pequim até a província de Yunnan, seguida de uma árdua caminhada pelas montanhas até o Laos, atravessando a selva para chegar ao Rio Mekong. A travessia leva os refugiados à Tailândia, onde os norte-coreanos podem pedir asilo. Vermelha e Branca partiriam primeiro. Preto se juntaria a elas alguns dias depois.

Durante a noite, Vermelha e Branca foram levadas do esconderijo até Pequim, onde embarcaram num trem para

Kunming, capital de Yunnan. Lá se encontrariam com mais três norte-coreanos. As instruções de Chun aos desertores eram sucintas: fiquem calados, finjam dormir ou escondam-se no banheiro se a polícia vier pedir documentos – e rezem. Se forem presos, não revelem o nome dos que os ajudaram.

No trem, Vermelha e Branca subiram nos beliches superiores do vagão-dormitório e ficaram debaixo dos cobertores. Várias vezes, durante as 40 horas da viagem, policiais e agentes da ferrovia percorreram os corredores para conferir passagens e documentos, mas Vermelha e Branca se mantiveram quietas, e as autoridades as ignoraram.

Na cavernosa sala de espera da estação de Kunming, elas logo avistaram os outros três desertores e, em meio à multidão na calçada, aguardaram o guia que Chun contratara. Soldados passavam marchando regularmente. Os minutos se arrastavam. Por fim, o guia apareceu. Os cinco agarraram a bagagem e saíram apressados.

Depois de recolhê-los, o guia os levou até um esconderijo na fronteira do Laos. E ali ficaram. O Laos aumentara o patrulhamento da fronteira antes de um feriado nacional, e o guia decidiu que era arriscado prosseguir. Assim como os colegas chineses, a polícia e os militares do Laos têm ordens de capturar os norte-coreanos em fuga e deportá-los. Enquanto o grupo aguardava, Preto os alcançou, nervoso com a viagem de trem pela China. “Quase fui pego”, contou. “Quando a polícia veio me pedir documentos, fingi que estava bêbado, e me deixaram em paz.”

O pastor Chun pegou um avião para Bangcoc e foi até o Mekong receber os desertores. Mas seus protegidos estavam escondidos na China e ele só podia olhar para o outro lado do rio e orar. “Eles estão na parte mais arriscada da viagem, em que é preciso atravessar a pé a fronteira chinesa e depois cruzar o Laos”, disse ele. “Devem ter uns 50% de chance de chegar aqui.”

Quase três semanas depois, os desertores entraram pelo interior do país. A caminhada noturna levou-os até o Triângulo Dourado, território sem lei onde se produz ópio, no ponto em que se encontram as fronteiras da China, de Mianmar, do Laos e da Tailândia. Durante 16 horas, arrastaram-se no escuro pela floresta e por riachos cheios de sanguessugas, terreno que o guia, ex-contrabandista de drogas, conhecia de cor. Subindo a 1.200 metros, saíram da China e entraram no Laos. Duas noites depois, atravessaram o Mekong e chegaram à Tailândia. Um caminhão esperava por eles no lado tailandês e levou-os até um terminal de ônibus. Ao chegar ao abrigo da Durihana, em Bangcoc, ligaram para amigos na China a fim de avisar que estavam salvos. “Nossas preces foram atendidas!”, gritou Preto. Na manhã seguinte, um missionário levou-os para a missão diplomática sul-coreana, onde pediram asilo.

Depois de quase 80 dias de confinamento num centro de detenção na Tailândia, enquanto as autoridades sul-coreanas verificavam os documentos, Vermelha, Branca e Preto receberam ordens de reunir seus poucos pertences. Um avião os aguardava.

Vermelha atendeu ao primeiro toque, escancarando a porta do apartamento do 12º andar em Incheon, perto do aeroporto de Seul. Oito meses tinham se

passado desde que eu a vira em Kunming, na China, uma apavorada adolescente em fuga. O rosto agora estava mais redondo, e os braços mais carnudos, graças às refeições regulares. Tingira o cabelo com mechas ruivas e vestia *jeans* e camiseta. Orgulhosa, mostrou-me o impecável apartamento de dois cômodos, com apenas um colchão que servia de cama e uma escrivaninha, onde havia um computador. Uma folha de papel presa na parede com fita gomada exibia os caracteres chineses que significam felicidade.

Vermelha despejou barras de chocolate no meu colo e mandou-me comer. Desconfiei que era um hóspede raro.

– Tem muitos amigos? – perguntei.

Com veemência, ela fez que não.

– Como fazer amigos se não entendo a sociedade lá fora?

Ela confessou que raramente saía do apartamento, com vergonha do sotaque e sem entender a linguagem dos sul-coreanos, com sua dose generosa de palavras em inglês. Vermelha também estava um pouco receosa de conseguir emprego. Os cursos de idiomas e as aulas de cabeleireira eram caros demais para a pensão mensal de 400 dólares que recebia do governo. Ela já largara o emprego num posto de gasolina e agora pensava em trabalhar numa lanchonete.

Comemos peixe e arroz num restaurante próximo, onde Vermelha tirou fotos com a câmera nova, riu e,

pelo celular, mandou mensagens a colegas desertores.

“Aqui a vida é dura, mas estou feliz”, disse ela, antes de voltar ao seu refúgio. “Ainda sonho em ser bem-sucedida. Quero que meus pais, na Coreia do Norte, se orgulhem de mim.”

Branca dividia um quarto de hospital com mais cinco mulheres, na cidade interiorana de Cheonan, perto das instalações de readaptação de Hanawon, ao sul de Seul, onde os refugiados passam dois meses recebendo instruções obrigatórias sobre a cultura sul-coreana. Em Hanawon, os médicos diagnosticaram um câncer de tireoide e a operaram. Ela se ergueu meio trôpega do leito do hospital para me receber, com um sorriso tímido no rosto. A cicatriz da cirurgia ia até a base da garganta. A moça de quem me lembrava, de riso profundo e roupas vistosas, agora cambaleava, vestida em pijamas largos, a voz um sussurro. “Liguei para o pastor Chun para agradecer-lhe”, disse ela. “Às vezes ele vem aqui e rezamos juntos.” Chun me disse que Branca é uma cristã devota – “um espírito bom e puro”.

Branca já visitara o apartamento para onde esperava mudar-se. “Primeiro vou comprar um computador e uma geladeira”, disse ela, “e prepararei pratos norte-coreanos.”

Branca me pegou a observá-la. Não pude evitar. Ela passara um ano trancada num quarto na China, depois três meses num superlotado centro de detenção na Tailândia e, agora, mais três meses num quarto de hospital, e nesse período soubera da morte da mãe e da prisão do irmão. Como podia parecer



Depois de chegar à Coreia do Sul, Branca (no centro) precisou ser operada por causa de um câncer na tireoide. Do lado de fora do quarto do hospital, ela faz uma oração com o pastor Chun e uma integrante de sua equipe.

estar tão bem? Ela me acompanhou até lá fora para se despedir, e, quando olhei do carro, ainda estava ali de pé, sorrindo para a imensidão do céu.

Preto, 40 anos, mudara-se para um apartamento em Seul, não muito longe do Rio Han. “Aqui tudo é mais difícil e complicado do que pensei”, disse ele. Seu sonho de frequentar o seminário foi frustrado quando soube que as bolsas de estudo se limitavam aos que tinham menos de 35 anos. Agora, era operário da construção civil. Sempre que se pegava reclamando, Preto pedia desculpas. “Fico muito aliviado de estar

aqui. Quando leio sobre manifestações de rua em Seul, fico feliz. Se fizesse isso na Coreia do Norte, seria preso.”

Pegamos um táxi para ir ao restaurante. As buzinas gritavam e placas e pedestres passavam num borrão. Oito meses antes, na van de um missionário na China, Preto tinha os ombros curvados, os olhos atentos ao perigo, a mão segurando com força uma cruz. Agora, em meio ao tumulto glorioso do novo lar, simplesmente fechou os olhos e cochilou. Estava em segurança. Estava livre.

SOLUÇÃO EFICAZ

Cansado de brigar com meus vizinhos por eles jogarem lixo em um terreno ao lado da minha casa, tentei resolver o problema com uma placa de “proibido jogar lixo”. Não adiantou nada! A solução foi trocar por outra: “Sorria! Você está sendo filmado!”

Sergio Roberto, por e-mail